



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

CARTOGRAFIAS DO PARIR

Caroline Castro de Mello

Universidade do Estado de Santa Catarina -UDESC, PPGE – Curso de Doutorado, Grupo de Pesquisa Atlas- Geografias , Imagens e Educação

carolinecastrodemello@gmail.com

Resumo

Partos, imagens moventes, pensamentos moventes, pesquisa movente. O movente é vivo. Se vivo está, se move. Se vivo está, está em dança. A dança cósmica da vida se faz em todos os corpos. Os movimentos de parir, partir, ir, se fazem presente quando o corpo consente. Quando não consente, apenas se nasce. Nascer não é um apenas, nascer é também movimento. Movo-me, Me-movem, ativo ou passivo? Nasceu. O que importa é que a vida foi preservada. Aqui, um texto que se faz como *com-texto*, um movimento de imagens e textos, de uma pesquisa de doutorado em educação.

Palavras Chave: parto;cartografia;educação;imagens

Introdução

Aparentemente, tudo começa com pequenos tremores de terra e, pouco a pouco um terremoto vai se apresentando. Sua intensidade vai aumentando até que um deslocamento de terra acontece. Algumas vezes traz junto um tsunami, noutras, faz cair por terra tudo que não consegue flexibilizar o suficiente para acompanhar o tremor. Muitas vezes os deslocamentos de terras ocasionam a erupção de vulcões, criando territórios novos, criando ilhas. Como nos conta em Deleuze (2004, p.6), “as ilhas continentais são acidentais, ou seja, se fazem a partir de uma deriva continental e as ilhas oceânicas são originárias, são essenciais. Partos podem ser o processo de formação de ilhas oceânicas. Ilhas podem ser novos territórios que “antecedem o homem ou o sucedem”, como diz Deleuze (2004, p.6).

Aparentemente, pois, o parto não é o começo nem o fim. Nascimentos nos antecedem e nos sucedem. Partos nos possibilitam construir nosso próprio mapa de nascimento. Nem todos traçaram seus mapas ao nascer, mas, todos podem fazê-lo sempre que desejarem. Para traçar o mapa do nascimento é necessário permitir-se viver o parto, pois, cada parto é, e sempre será, único. Coccia (2020,p.73) nos lembra também que o nascimento é uma metamorfose, e, é também “um atlas a céu aberto, que articula uma série de mundos, cada um dos quais povoados por uma panóplia de formas.” [...] “Toda vida é um atlas se desdobrando pois ela não habita um território, ela é, em sua carne, o mapa do território.”

Imagens de parto podem nos conduzir normalmente à contextos situados em áreas das ciências da saúde, ciências médicas. Esse é o lugar contemporâneo comum das imagens de parto. Massey (2017, p.40) afirma que “grande parte da nossa “geografia” está na mente, nas



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

imagens mentais que levamos carregamos do e sobre o mundo.” Isso implica dizer que, para pensarmos em uma geografia do parir, precisamos atentar primeiramente para as imagens que são comuns no imaginário de parto. Para tanto, esse com-texto objetiva ser um movimento de texto COM imagens de parto. Partos que estão habitando e coexistindo com lugares, territórios de uma pesquisa de doutorado em educação; partos imagéticos, mapas de partos, humanos e não-humanos. Trata-se, portanto, de um com-texto de imagens moventes de partos, reunidas em uma composição audiovisual que será apresentada ao final da escrita. Tal com-texto se faz no entendimento de uma educação que não começa na escola, na família, ou mesmo no ventre, se dá sem começo e sem fim, se dá nos encontros. Pois, conforme Coccia (2020, p.142-146), somos todos seres à deriva e, deriva não apenas como movimento espacial, deslocamento de um lugar ao outro, mas uma deriva de movimentos íntimos, corporais, que operam em todos os níveis da vida de todo ser terrestre. “Nascer, para cada ser vivo, é não ser capaz de separar sua própria história daquela do mundo, não ser capaz de distinguir o local do global.” [...] Cada um de nós é a história da Terra, uma versão dela, uma possível conclusão.” (COCCIA, 2020, p.31)

Entendendo que a educação também precisa se entregar às derivas, acompanhar a vida que pulsa e que move a cada instante, se propõe aqui um exercício de pensar uma educação disposta a parir. Parir as ideias, parir os projetos, parir a escrita, parir as múltiplas possibilidades de aprendizagens, em seus múltiplos contextos. Permitir-se parir em educação, para não somente aceitar os nascimentos que se dão sob o controle obstétrico dos pensamentos, nascimentos cujos mapas são desenhados a partir das escalas de horários de quem controla os corpos. Não se trata aqui desses nascimentos, nem desses mapas prontos, que são decalques uns dos outros, se trata nascimentos que dizem de um “caminhar pela via da linguagem como produtora de sentidos e inauguradora de mundos, uma vez que ela produz saber e não se compromete mais com representar o já visto”, como apresenta Preve (2020, p.7). Portanto, trazer as imagens de parto para a educação, para a geografia, para a educação ambiental, se faz pelo apelo à uma reativação¹ das artes² de parir em educação, como processos de coaprendizagens ecológicas.

Desenvolvimento

Um parto pode ser entendido como um momento de separação, o ato de separação de um filho do corpo de sua mãe, num contexto de nascimento humano, que é visto sob uma ótica que enfatiza o alcance de um produto e não o viver de um processo. Porém, ainda na imagem do parto humano, podemos ver um movimento de transformação de um corpo fusionado com outro, que se movem (fisicamente, quimicamente, biologicamente, mentalmente,

¹ O termo reativação vem do “Reativar” de Isabelle Stengers (2011) como necessidade de “regenerar os meios envenenados”. Que começa pelo reconhecimento do poder que o meio tem de contaminar, e assim, assumir com isso a responsabilidade de contaminação que o meio apresenta. Uma responsabilidade que vem de um entendimento de que não existem meios e organismos de forma separada.

² “Artes de Parir” pois parte de um entendimento de que o parir é uma arte ritual ancestral, como as artes que surgem de contextos de cerimônias espirituais dos povos originários. Arte que traz, de acordo com cada cultura, ritos e modos de se fazer que serão únicos de cada povo, mas distinto em sua manifestação, seguindo o ritmo dos corpos que estão compondo o parto e sendo compostos por ele.



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

espiritualmente...) para tornarem-se dois corpos. Podemos ver uma separação e um encontro. Podemos perceber ainda outros lugares possíveis, se deixarmos que essa imagem nos conduza. Podemos ver um processo, que é ao mesmo tempo início, fim e um meio que a vida encontra para seguir em frente. Um processo no qual um ser humano finaliza sua vida como feto e começa uma vida como bebê humano. O fim de um ciclo e início de outro.

Ainda, esse processo pode ser o primeiro ato sexual desse ser que se fez um a partir de outro ato sexual precedente. Segundo Bio (2015,p.54), o parto é uma etapa da vida sexual da mulher [...] vivência tal que toma o corpo da mulher, seu psiquismo e suas emoções conscientes e inconscientes.” Logo, se olharmos o parto sob esse aspecto, falaremos de um processo de desenvolvimento sexual que “evoca a sexualidade inconsciente de todos os envolvidos, sendo a expulsão do bebê pelo canal vaginal como uma situação sexual em si mesma.” (BIO,2015, p.55).

Podemos olhar para esse processo sob a ótica familiar e cultural. Nessa perspectiva, um parto pode ser a chegada de um novo membro em uma família, pode ser um momento em que os portais da vida e da morte se abrem e trazem uma nova alma ao mundo, como algumas perspectivas culturais dos povos originários. Em outros contextos culturais pode ser também apenas um ato fisiológico, ou mesmo um ato cirúrgico. Sob um olhar sistêmico³, parto pode ser o primeiro trabalho de um ser humano, seu primeiro movimento ativo em busca de algo maior, em busca da vida, portanto, seu primeiro movimento de sucesso na vida, com grande significância no percurso profissional.

O parto pode ser ainda um movimento de resposta a uma crise ambiental: quando o feto se percebe limitado no seu crescimento, sente a progressiva redução dos recursos hídricos e a mudança na composição química de seu meio, e a partir desses sinais ambientais (e muito outros), ele faz um movimento de mudança, para poder seguir vivendo. Parto pode ser ainda uma parte de um processo de metamorfose, como a saída de uma borboleta de seu casulo.

E, ampliando essas imagens para o contexto educacional, podemos ver o parto como um ato de permitir a passagem das ideias e pensamentos para o mundo da escrita, e, com isso, conceder o nascimento de um texto; permitir a passagem das expressões e sentimentos para o mundo das artes (sejam visuais, danças, músicas, teatro, enfim, artes em suas mais variadas manifestações); permitir o nascimento de um projeto, uma questão de pesquisa, um novo trabalho e, assim, podendo deixar essa imagem de parto se difundir no cotidiano e; nos permitirmos experimentar um novo estilo de vida, permitirmos criar uma nova receita de bolo; enfim, nos permitirmos aprender e fazer coisas novas.

Permissão para criar ambientes de educação e pesquisa em que a vida encontre um meio para se expressar; ambientes em que a aprendizagem seja percebida no viver cotidiano, para além dos livros; Permissão para reativar o desejo visceral de aprender com o processo que acontece quando a vida acontece, em que a vida encontra um meio e algo muda, se adapta, migra...pela necessidade de continuar se des-envolvendo de onde partiu inicialmente. Seja da

³ Visão sistêmica fenomenológica, a partir de experiências de trabalhos com constelações familiares sistêmicas (técnica terapêutica desenvolvida por Bert Hellinger).



VI Colóquio Internacional
 “A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

água para a terra, seja de lagarta para borboleta, seja do pensamento para as letras, um parto pode acontecer, ou, apenas um nascimento.

Conclusão

É possível ser mandado embora sem querer ir, mas não é possível ir sem perceber (seja pelo motivo que for) que se precisa ir. É possível ser removido de um lugar para outro sem perceber, mas, não é possível ir de um lugar para outro sem perceber. É possível nascer sem perceber, mas não é possível viver um parto sem perceber. O que está em questão é viver ou não o processo, de mudança, de crise, de nascimento, de morte...de separação do corpo da mãe e entrega para a grande Mãe Terra.

Imagens moventes: Parto cósmico: duração 5:49 min.

[\[https://drive.google.com/file/d/1tebY8EmriUJnKJCGer6n57VBde_unfAw/view\]](https://drive.google.com/file/d/1tebY8EmriUJnKJCGer6n57VBde_unfAw/view)

Referências

BIO, E. o Corpo no trabalho de Parto: O resgate do processo natural do nascimento. São Paulo: Summus, 2015.

COCCIA,E. Metamorfoses. Rio de Janeiro: Dantes editora, 2020.

DANTES,A. KRENAK, A. A serpente e a Canoa: flexa 1. Caderno Selvagem. São Pao, 2021.

DELEUZE. G., A ilha deserta e outros textos. São Paulo: Editora Iluminuras, 2004. (texto em pdf)

MASSEY,D. A mente geográfica. Revista GEOgraphia, Niterói, Universidade Federal Fluminense, ISSN 15177793 (eletrônico) Vol.19, No 40, 2017: mai/agos.

PREVE,A. Habito mas não vivo aqui: multiplicidades, linguagem e saber geográfico. Revista Brasileira de Educação em Geografia. Campinas, vol10, n. 19, p. 05-22, jan./jun., 2020.